



BRINCADEIRA DE HISTÓRIAS



GUARANI
MBYA



Este kit foi produzido no âmbito do projeto
**Ciências, Tecnologias e Povos Indígenas no Brasil:
subsídios para a inclusão da temática indígena na
Educação Fundamental**

(Edital Novos Talentos, CAPES, 2013-2015)

Concepção e design: Ingrid Lemos
Conteúdo: Kelly Russo e Gabriela Barbosa
Desenhos: Christian Orban **Cores:** Ingrid Lemos
Colaboração: estudantes da EJA Guarani (turma 20)

jogos.lúdicos.UERJ.CNPq
2015



Caro Professor(a),

Esse projeto pretende contribuir com a implementação da Lei 11.645 sancionada em 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura dos povos indígenas nos currículos da Educação Básica das instituições públicas e privadas do país.

Através de materiais paradidáticos produzidos em parceria com professores/as e estudantes Guarani Mbyá, presentes no estado do Rio de Janeiro, esperamos propiciar momentos de brincadeira e de aprendizado, pois, no ato de jogar está um modo de falar, ouvir, ver e experienciar um pouquinho da cultura indígena, mais especificamente a dos Guarani M'bya.

Esperamos que você e seus estudantes tenham ainda mais interesse em conhecer e aprender com os povos indígenas a partir desses jogos. O conhecimento é, ainda, o melhor antídoto ao preconceito, à discriminação, à violência. Contamos com a sua colaboração!

INTRODUÇÃO

Existem 305 povos indígenas no Brasil, o que significa uma riqueza étnica impressionante: centenas de línguas, histórias, tecnologias, saberes que compõem a diversidade existente em nosso país. Mas, infelizmente, ainda sabemos pouco sobre essas populações.

Segundo o último censo do IBGE (2010), 896.000 pessoas se autoidentificaram como indígenas, o que representa um crescimento de 11,42% em relação ao censo anterior (2000). Parte significativa dessa população (quase 350 mil pessoas) está fora das terras indígenas, vivendo em áreas urbanas ou rurais, rediscutindo e tornando ainda mais dinâmicos seus laços de pertencimento e de reconhecimento étnico.

Vemos a participação crescente de intelectuais e profissionais indígenas, que se organizam e atuam no cenário nacional e internacional para rediscutir estereótipos e velhas perspectivas coloniais e eurocêntricas presentes em nossa sociedade. Exigem novas abordagens e um maior (re) conhecimento de suas histórias e contribuições ao país.

É nessa perspectiva de luta e de reconhecimento que entendemos a Lei 11.645 sancionada em 2008, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da educação básica

Reduzir ou acabar com o preconceito e a discriminação exige a busca de informações corretas e atualizadas, que despertem nas pessoas a curiosidade de descobrir quem são esses povos que vivenciam culturas tão diversas.

Apesar do tempo escasso que possui, o professor pode recorrer a músicas, histórias, imagens, sites e filmes para discutir e aprender com seus alunos um pouco mais sobre tais formas diferenciadas de organizar e lidar com o mundo. Apresentar e conhecer povos específicos, em lugar de apenas recorrer a um modelo genérico de indianidade.

Essa nova postura exige uma mudança de atitudes cotidianas: interessar-se por esses “outros” indígenas com respeito e abertura para aprender com eles, assim como eles têm aprendido a se relacionar conosco e entre si, na tentativa de organizar um movimento indígena mais forte.

A tentativa deste material lúdico, é a da aproximação, da descoberta de similaridades e diferenças, do reconhecimento do outro como parte do todo, e principalmente a quebra de velhos tabus com relação aos povos autóctones de nosso Brasil.



OS M'BYA, OS GUARANI

Os Guarani que vivem atualmente no estado do Rio de Janeiro são, em grande maioria, pertencentes ao subgrupo Mbya, que soma cerca de sete mil pessoas no Brasil.

No Rio de Janeiro somam cerca de mil pessoas que se distribuem entre sete aldeias localizadas em quatro municípios: Angra dos Reis (Aldeia Sapukai), Paraty (Aldeia Itatiim, Rio Pequeno, Araponga e Mamanguá) e mais recentemente, duas aldeias no município de Maricá (Aldeia Mboy'ty e Aldeia Céu Azul/Itapuaçu). E quem são os Guarani Mbya?

Os Mbya andam por caminhos diversos, desenhados sobre o vasto território da Mata Atlântica, desde o litoral do Brasil às florestas no leste paraguaio. Caminhos abertos na mata, estradas e rodovias que ligam as aldeias pelas quais se distribuem os parentes, ruas e cidades que passaram a fazer parte de seu cotidiano.

Trocas de conhecimentos e de materiais, casamentos e visitação entre parentes mantém a dinâmica desta rede de relações em constante transformação. Mudar os contextos de convivência, inventar novas maneiras de viver: esses parecem ser os fundamentos da sabedoria de que nos falam os Mbya, sempre dispostos a encontrar formas de animar a existência.

Antes de apresentar este jogo aos seus estudantes, vale a pena saber mais sobre o povo Guarani e outros povos indígenas no país, acessando a enciclopédia Povos Indígenas no Brasil*, voltado para professores, e Povos Indígenas no Brasil Mirim**, voltado para estudantes. Aprenda, ensine e divirta-se!

PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL INDÍGENA

O Patrimônio cultural de um povo é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade.

Esse patrimônio pode ser reconhecido através de bens materiais, como imateriais: os modos de ser, saber e viver que constituem a cultura de um povo.

Por isso o patrimônio cultural de um povo não deve ser reduzido a aspectos pontuais das produções dessas populações: “índios usam arco e flecha”, “índios moram em casa de palha”, “fazem cestaria” etc. Além de ser um equívoco reduzir tamanha diversidade indígena existente no território nacional em aspectos pontuais e isolados, é preciso revisar o próprio conceito de cultura para evitar generalizações que mais atrapalham que ajudam nessa tentativa de aproximação com os povos indígenas.

Cultura não é um conjunto de artefatos, mas um código simbólico compartilhado por homens, mulheres e crianças de diferentes gerações. É através da cultura que todas as pessoas de um grupo social atribuem significado ao mundo e às suas vidas, pensam suas experiências diárias e projetam o futuro. É, portanto, uma construção social, dinâmica que se transforma ao longo do tempo e através do espaço, dando sentido à própria vida.

Promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade

humana exigem um entendimento mais amplo sobre os diferentes modos de saber-fazer existentes em nosso país.

Quer conhecer mais sobre patrimônio cultural indígena? Aproveite disponível na internet, o livro: Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas***.

LÍNGUAS INDÍGENAS, LÍNGUA GUARANI

Assim como não existe um único povo indígena no país, não existe uma única língua indígena: são cerca de 150 línguas indígenas ainda faladas no país. Cada uma delas representa uma forma própria de organizar e contar o mundo.

Línguas são portadoras de poesia, música, ideias, tecnologias, saberes, cantos, narrativas históricas, xamanismo... Cada povo uma língua e nessa língua, um mundo! Porque não existe um modelo único de "índio", existem Xavante, Guarani, Kaiapó, Ashaninka, Pataxó, Xukuru, Kuikuro, Terena e muitos outros povos.

Por isso a comunicação na língua nativa não se dá entre povos indígenas diferentes. Para dar um exemplo: os Kaiapó, povo do Alto Xingu, falam uma língua do tronco linguístico Macro-Jê, ao passo que os Guarani que habitam o Rio de Janeiro, falam uma língua pertencente ao tronco Tupi. A diferença entre essas duas línguas é comparável àquela existente entre o português e o alemão, ou seja, praticamente ninguém se entende!

E o que são troncos linguísticos? Os povos indígenas costumam ser agrupados por afinidades linguísticas. A linguística é a disciplina que analisa as línguas, procurando

organizá-las em famílias e troncos, de modo a desvendar origens comuns e divergências que surgiram com o passar do tempo. A língua portuguesa, por exemplo, faz parte de um tronco linguístico de origem latina, assim como o espanhol e o italiano. Com as línguas indígenas, acontece algo semelhante.

No Brasil, foram identificados dois grandes troncos linguísticos entre as línguas indígenas: Tupi e Macro-Jê. Além destes, foram repertoriadas também algumas famílias linguísticas e línguas isoladas, ou seja, línguas que não possuem qualquer semelhança com as demais. Assim, toda a diversidade delas precisa ser considerada em toda a sua riqueza, visto que não existem línguas pobres ou ricas, simples ou complexas. Toda língua é completa e rica servindo plenamente para todos os usos que dela se possa fazer, portanto, que tal conhecer algumas palavras da língua Guarani e a partir desse jogo, estimular que seus estudantes possam saber mais sobre a cultura desse povo?



BRINCADEIRA DE HISTÓRIAS

Brincadeira: um conjunto composto de 12 tecidos, 24 pregadores de metal, corda de varal, livreto explicativo e bolsa para guardar.

Participantes: quantos se desejar

Como brincar: a brincadeira é livre, pode-se colocar os tecidos presos no varal ou usar a mesa ou mostrá-los do jeito que se desejar. A história pode ser contada a forma do contador, depois pode-se deixar que as crianças perguntem ou inventem sobre as imagens mostradas, ou até criem uma história de sua própria aldeia.

VAMOS BRINCAR...

Esta brincadeira aborda, um pouco do modo de vida Guarani, sua cosmologia e cultura. Não foi por acaso que este assunto foi escolhido. A ideia mitificada sobre o modo de vida e o cotidiano indígena precisa ser modificada.

Você perceberá que há, neste material, uma preocupação em mostrar algo que não encontramos nos livros.



ALUNO, SUJEITO DA APRENDIZAGEM

Como é consenso entre psicólogos e educadores, a experiência de vida e o que cada um sabe, constituem o ponto de partida no processo de aprendizagem. Assim, são perguntas que você pode fazer aos seus alunos:

- Você acha que todos os indígenas brasileiros vivem da mesma forma? Falam a mesma língua? Usam as mesmas roupas?

- Você sabe o nome de algum grupo indígena? Sabe onde eles moram?

- O que você sabe sobre os índios Guarani do Rio de Janeiro? Você sabe qual língua eles falam? Onde eles moram? o que eles vestem? como eles vivem?

INTERDISCIPLINARIDADE

É importante valorizar o conteúdo específico das disciplinas, pois cada uma delas tem seu papel no contexto em que vivemos. Porém, importante também é observar as correlações, os pontos comuns e as diferenças entre as diversas disciplinas, estimulando um trabalho interdisciplinar.

Assim, com base nas reflexões favorecidas pela brincadeira, você pode estabelecer uma parceria com os professores de outras disciplinas para que estes colaborem com seus alunos numa investigação sobre o papel dos índios na História do Brasil:

- Quem são os indígenas? - Que etnias existem até hoje?
- Que elementos da cultura brasileira são contribuições das várias etnias indígenas?

- Como os Guarani estão distribuídos no Brasil?

RITMOS DE APRENDIZAGEM

Como sabemos, as pessoas têm ritmos diferentes de aprendizagem e é necessário respeitar o ritmo de cada aluno ou do grupo. É possível que, depois de olhar os tecidos alguns alunos se desinteressem pela brincadeira, que se torna muito focada no professor que fala, enquanto outros ainda estarão prestando atenção animadamente. Nesses casos, sugerimos que você tenha nas mãos complementos para a atividade.

Destacamos:

- Pedir àqueles que já estiverem cansados que criem histórias ou desenhos sobre o assunto.
- Pode ser proposta a criação de uma história deles para ser contada aos Guarani, ou que estudem algum povo e em outras aulas desenhem e contem a história dele, baseado na experiência da 'brincadeira de histórias Guarani'.

LEITURA DA IMAGEM

Na leitura das imagens presentes nos tecidos é importante complementar o que está sendo contado. Eles podem memorizar as imagens ou parte delas e repetir em seus desenhos, eles podem associar imagens ao que foi contado e assim reconhecer o significado do que aprenderam em lugar de simplesmente "decorar".



PARA FINALIZAR

Perceba, professor, que, em nossas sugestões, partimos do princípio de que a sua função é criar condições que facilitem a aprendizagem dos alunos. A aprendizagem, neste caso, envolve os conceitos da língua, cultura, cosmologia e história Guarani, rompendo com ideias equivocadas sobre os índios brasileiros, como, por exemplo, as ideias de que os índios fazem parte do passado do Brasil; de que são todos iguais e não possuem ou produzem conhecimentos. É por isso que, é preciso privilegiar a ocorrência de reflexões antes, durante e depois da utilização da brincadeira em sala de aula. O nível de aprofundamento destas reflexões varia em função do nível de escolaridade dos alunos.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Série Via dos Saberes, n. 1. Brasília/Rio de Janeiro: MEC–Secad/Laced, 2006. Disponível em <http://laced.etc.br/site/acervo/textos-on-line/>.

FREIRE, J. R. B. Cinco ideias equivocadas sobre os índios. Palestra proferida no dia 22 de abril de 2002 no curso de extensão de gestores de cultura dos municípios do Rio de Janeiro, organizado pelo Departamento Cultural.

GALLOIS, D. (Org.) Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas. Exemplos no Amapá e no norte do Pará. IEPÉ/Unesco, 2011.

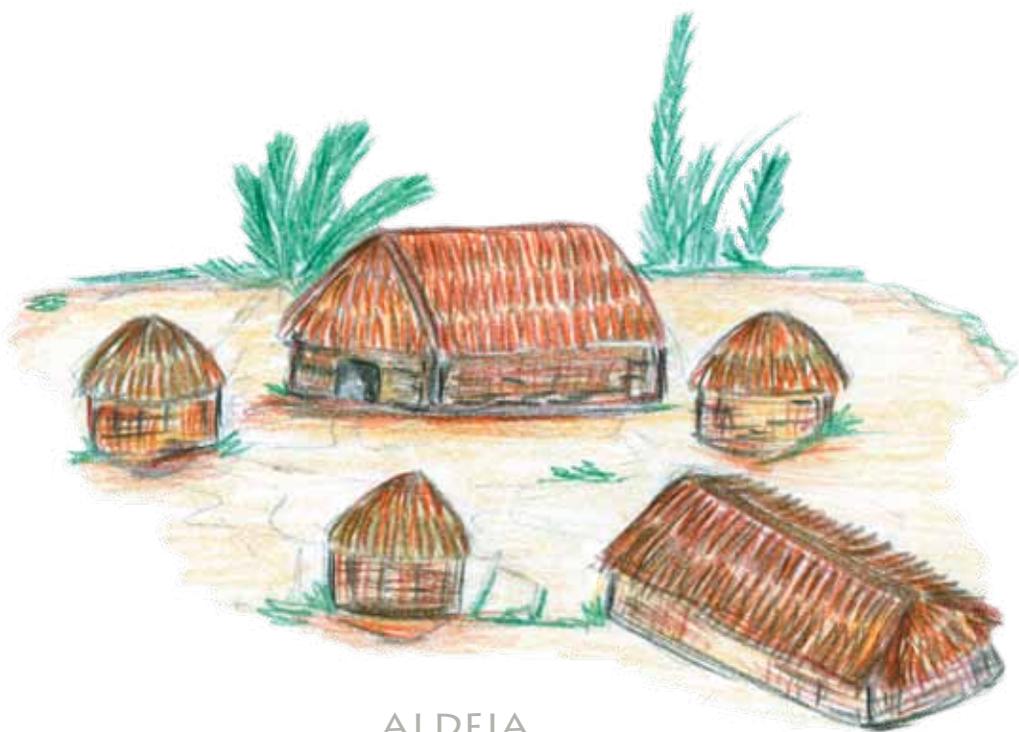
FRANCHETTO, Bruna. “As línguas indígenas”. In: Índios do Brasil. Caderno 2. Brasília: MEC–Seed, 2001. Disponível em http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/me001986.pdf.

PARA CONSULTAR

* <http://pib.socioambiental.org/pt>.

** <http://pibmirim.socioambiental.org/>

*** GALLOIS, D. (Org.) Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas. Exemplos no Amapá e no norte do Pará. IEPÉ/Unesco, 2011.



ALDEIA
TEKOA

E LÁ VEM HISTÓRIA!

Está é a história criada pelos Guarani M'bya especialmente para esta brincadeira. Aproveite!

1. Bem-vindos a aldeia Sapukai!

Somos Para Mirim e Karaí Mirim! Somos Guarani Mbyá, povo forte e guerreiro que já vivia no Brasil muito antes dos portugueses chegarem! Aqui no Rio, somos cerca de 800 pessoas e vivemos em seis aldeias na região de Angra dos Reis e Paraty: Sapukai, Itatiim, Araponga, Rio Pequeno, Mamanguá e a aldeia Mboyty



2. Vida na aldeia

A vida na aldeia é cheia de brincadeiras, músicas e muita aprendizagem! A gente aprende observando e conversando com nossos xerukuery, pais, e xejaryikueri, avós! A Opy é o lugar mais importante da aldeia: é lá que a gente mantém forte nossas rezas, nossa língua e nossa história!

A opy é a raiz de tudo e a escola só mais um galho. Cacique Verá Mirim.

3. Rotina na aldeia

Bem cedinho a gente gosta de comer Xipá! Depois, tem escola, banho de rio, jogar bola, fazer moudepi, armadilha, pra pegar passarinhos, fazer mbo'ý, cordão, e pequenos animais em madeira pra ajudar nossa ixy, mãe, a vender artesanatos em Paraty e Angra dos Reis.



4. Aldeia e cidade

A gente gosta de viver na aldeia, mas também gosta de viajar... Sair e voltar da aldeia faz parte de nossa rotina, porque é fora da aldeia que a gente vende artesanato, visita parente, compra o que precisa e mostra a nossa cultura. Eu gosto quando juruá convida para falar: a gente conta nossas histórias e fortalece nossas tradições!

5. Agricultura e artesanato

Agricultura e artesanato são as principais fontes de subsistência guarani do rio de janeiro. outras fontes são a criação de animais domésticos, um pouco de caça e pesca, além de trabalho assalariado. O Guarani é um povo agricultor que acumulou saberes sobre as propriedades medicinais dos vegetais, domesticou plantas, realizou experimentos genéticos, selecionou sementes para melhorar as espécies, para melhorar e ampliar os recursos sustentáveis nas matas. O milho awaxi, mandioca, mandio, são os principais alimentos. Batata-doce, jety, a banana, pakova, o feijão, kumanda.



MILHARAL
AVATY TY

6. O povo Guarani

Somos mais de 200.000 mil Guarani vivendo em vários países da América do Sul... Somos todos da grande família Guarani, mas temos formas diferentes de falar, de fazer festas, de rezar... Por isso a gente se divide em três grupos: Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva e nós, os Guarani Mbyá.

7. Língua Guarani

Sabia que a língua Guarani é uma das mais faladas em todo o continente? A gente pode aprender português, espanhol e até inglês, mas a língua Guarani a gente não perde: é ela que mantém a nossa memória viva! Fazemos, músicas, vídeos e até filmes pra registrar a nossa forma própria de entender e explicar o mundo!

Os sábios e as sábias guarani dizem que o ser humano é, em sua origem, uma palavra sonhada. A mulher para engravidar sonha a palavra. Quando chega a hora de dar à luz, o Verdadeiro Pai e a Verdadeira Mãe das palavras-alma dizem para a palavra alma que está por nascer: “vá a terra, meu filho, minha filha, eu farei que minha palavra circule por teus ossos e que tu te lembres de mim no teu ser erguido.”

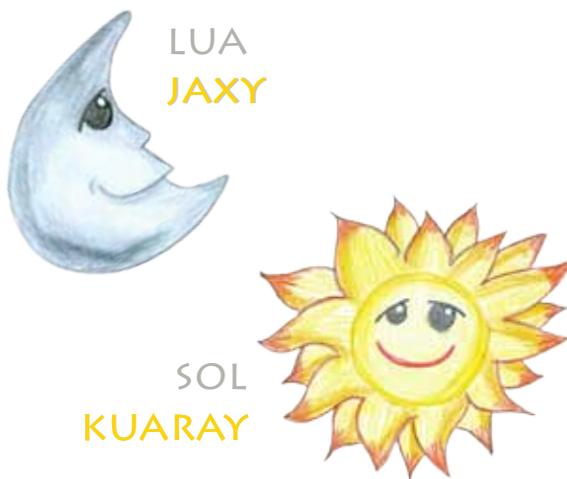


8. Povos indígenas no Brasil

Nosso Tuu conta que quando tem reunião grande, com muitos indígenas diferentes, é tanta língua que ninguém se entende se não usar o português! Tem Xavante, Kuikuro, Guarani, Kaiapó, Baniwa, Fulni-ô, Xerente... Cada um com sua língua, cada povo com suas histórias e tantos conhecimentos pra compartilhar!

9. Parentes indígenas

A gente também aprende muito com os nossos parentes indígenas! Alguns ainda fogem dos juruá e se escondem na Floresta Amazônica. Outros vivem em pequenas ou grandes aldeias, mas tem parente que prefere viver nas cidades e por lá trabalham, estudam e lutam por nossos direitos. Você sabia que existem mais de 15 mil indígenas vivendo em cidades do Rio de Janeiro?



10. Os Guarani aprendem com o céu

Quando a noite cai, a gente gosta de olhar o céu.... As estrelas nos ensinam muito! Nossos Tujakue dizem que através das estrelas é possível ver várias figuras que nos ensinam sobre o céu, o clima, a fauna e a flora. Assim, os antigos sabiam as épocas de plantio, caça, pesca, coleta e do nhemongarai, nosso batismo Guarani.

11. Constelação do Tuja'i



Os Tujakue de Sapukai conhecem a constelação do Homem Velho ou Tuja'i. Quando ele está no alto do céu, é o início do verão!

12. Constelação do Guaxu



Outra constelação conhecida entre os Guarani é a do Veado ou Guaxu, que mostra o início do outono.

13. Constelação da Guyra



A Constelação da Ema ou Guyra nhandu representa o inverno. A cabeça da Ema é formada pela mancha perto da constelação que vocês conhecem como Cruzeiro do Sul.

14. A Constelação da Tapi'i



Esta constelação é da anta, pois conseguimos ver a anta desenhada no céu e ela representa a primavera.

15. A constelação do Tinguauçu



O Tinguauçu é um pássaro da mitologia Guarani, fica na constelação do Touro. O Tinguauçu é o pássaro que anuncia a chegada do ano novo.

16. Somos os Guarani!

Essa terra que pisamos é o nosso irmão. Por isso que a terra tem algumas condições e por isso que o Guarani respeita a terra, que é também um Guarani. O guarani não polui a água, pois é sangue de um karai. Esta terra tem vida, só que não sabemos. É uma pessoa, tem alma - é o karai. A mata, por exemplo, quando um karai vai cortar uma árvore, pede licença, pois sabe que é uma pessoa que se transformou nesse mundo. Essa terra aqui é nosso parente, mas uma pessoa acima de nós. Por isso, falamos para as crianças respeitarem a terra, porque ela foi um karai e até hoje se movimenta, só que não percebemos. Por isso, quando os parentes morrem, a carne e o corpo se misturam com a terra. Por isso que temos que respeitar essa terra e esse mundo em que a gente vive.

Nos tempos antigos, o cesto era utilizado pelas mulheres para carregar as sementes de milho para serem plantadas na roça. A semente e também a criança. Nhanderu nos ensinou a trançar para que pudéssemos carregar as sementes de milho sagrado e também nossas crianças. E aos homens deu o arco e a flecha para caçar, para poder viver na floresta. As histórias dos antigos contam como tudo isso aconteceu. O artesanato era sagrado. (fala do Cacique Verá Mirim).

Hoje os Guarani Mbyá tem no artesanato produzido uma importante fonte de subsistência, usando para isso vários tipos de bambu, palha, raiz, cipó. No entanto, na área onde vivem no Rio de Janeiro, com a dificuldade de encontrar matéria-prima, o uso da tinta vegetal está desaparecendo, substituída por corantes artificiais comprados na cidade. Os mais vendidos são os cestos ou balaios, chamados ajaka, uma das principais marcas culturais dos Mbyá, mantendo



desenhos básicos tradicionais como ypara korava'e, em forma de losango, ypara kora jo'ava'e, em cruz, ypara ryxyva'e, em S.

As crianças são como as plantas, como as sementes... Por isso, a mãe e o pai, as madrinhas e os padrinhos devem cuidar e limpar os filhos para crescerem felizes, como o pé de milho e de arroz quando são beijados pelo vento.

Um dos ritos mais importantes dos Guarani é o mita mbo'ery, quando se dá um nome à criança, o que ocorre geralmente no primeiro ano de vida.

O pátio central da aldeia é o lugar das festas, danças e brincadeiras infantis, ocupado diariamente por grupos de crianças que brincam o dia inteiro. O futebol, a bolinha de vidro, ou bolita, são os brinquedos prediletos. Banho de rio ou de cachoeira é outro divertimento.

Profundos conhecedores do seu ambiente, plantas e animais, nomeando as várias espécies, os indígenas associam as estações do ano e as fases da lua com o clima, a fauna e a flora da região em que vivem. Para eles, cada elemento da natureza tem um espírito protetor.



BEIJA FLOR
MAINO'Ï





GUARANI MBYA

jogos.lúdicos.UERJ.CNPq
2015

